

O SÂNDI E A RESSILABAÇÃO

LEDA BISOL

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul/
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

Este artigo desenvolve a idéia de que o sândi externo, em qualquer de suas manifestações, elisão, ditongação ou degeminação, é um processo de ressilabação, cujos resultados estão diretamente ligados à operação de princípios universais da Teoria Fonológica.

1 – INTRODUÇÃO

Há dois modelos de análise de sílaba. Ambos interpretam a sílaba como entidade fonológica. Um deles aponta para a sua estrutura binária de constituintes prosódicos, tradicionalmente conhecidos por ataque e rima, por sua vez constituída de núcleo e coda. Na base de princípios universais, regras também universais e filtros de língua específica, esse modelo faz uso da contagem de segmentos e apóia-se no argumento de que constituintes silábicos, como a rima, por exemplo, desempenham papel importante em regras fonológicas. Conhecido como o Modelo de Regras ou simplesmente Fonologia Métrica, está solidamente representado na Literatura, entre outros, por Selkirk (1982) e Harris (1983).

O segundo, o do molde prosódico, atribui à sílaba uma composição de três níveis, o mais abstrato formado apenas por um elemento (α), significando a sílaba como um todo, assim como S em árvores sintáticas; o prosódico, por esqueleto também denominado, constituído de dois elementos, C e V, ou abstratamente X, que são posições na linha temporal; e, finalmente, o nível melódico, onde se delineiam conjuntos de traços hierarquicamente organizados, os segmentos propriamente ditos. Ficam com esta proposta, entre outros, Clements & Keyser (1983) e Itô (1986).

Ainda que os fatos aqui tratados possam adequadamente ser descritos por um e outro modelo, adotamos o segundo, na versão de Itô (1986).

Também apoiamos nossa análise nos pressupostos da Fonologia Lexical, segundo a qual o Léxico está organizado em dois grandes componentes, o Lexical e o Pós-lexical. O primeiro, inserido na hipótese de modularidade, dispõe a interação de regras morfológicas e fonológicas que, atuando ciclicamente em gramáticas estratificadas, produzem o conjunto de itens lexicais de uma língua dada. O segundo é o recipiente do material

proveniente da sintaxe. Nele somente atuam regras fonológicas que dispõem informação morfológica. É justamente no componente pós-lexical que se localizam os casos que vamos apresentar.

2 – OS DADOS

Em português, como em muitas línguas romanas, a silabação é também chamada no nível da frase, seja para converter certas codas em ataques, seja para ressilabar segmentos que, por diferentes motivos, venham a perder o seu status prosódico. É o que ocorre nas frases *camisa usada* e *camisa amarela*, tomadas como exemplos:

- (1)
 a. cami[za u]sada → cami[zu]sada~cami[zaw]sada
 a. cami[za a]marela → cami[za]marela

São três os processos fonológicos em pauta: elisão, ditongação e degeminação. A *elisão* fica restrita ao apagamento da vogal *a* em posição não-acentuada de final de palavra, quando a palavra seguinte começa por vogal de qualidade diferente. Embora outras vogais possam também desaparecer em consonância com a variedade de língua, a queda da vogal *a* no referido contexto é uma característica geral do português. A *ditongação* é o processo de formação de ditongos com a vogal final de um vocábulo e a inicial de outro, desde que uma das vogais da seqüência seja alta e átona. A *degeminação*, como se depreende do nome, é a fusão de duas vogais idênticas.

Esses processos se dão automaticamente quando as duas sílabas em contato são átonas, tal como (1) exemplifica, pronunciadas as duas palavras pela mesma pessoa e sem pausa ou duração intermediárias. A frequência de uso da elisão e da degeminação é expressivamente menor, quando uma das vogais estiver protegida pelo acento. A rejeição ao acento à direita é maior do que a rejeição ao acento à esquerda, como a degeminação em (2) revela:

- (2)
 cas[u] único *ca[zú]nico
 arazá azedo ara[sa]zédo

Vamos, por ora, deixar de lado o contexto da restrição acima mencionado,¹ para estudar apenas os casos de aplicação geral, exemplificados pelas duas frases de (1).

¹ Em versões anteriores, Cadernos de Estudos Linguísticos 23 e Gramática do Português Falado V, mais detalhes são apresentados.

3 – A RESSILABAÇÃO

A ressilabação, assim como a silabação, consiste em agregar consoantes em torno de picos de sonoridades, que projetam sílabas. Esses picos são em português necessariamente vogais (V). Uma sílaba com todas as suas posições preenchidas se manifesta com sonoridade decrescente nas bordas. É que a formação da sílaba é dirigida pelo Princípio de Sonoridade Sequencial (PSS), que exige sonoridade crescente no ataque e decrescente na coda.

Para se ter uma idéia do valor escalar dos sons basta consultar uma das variantes da escala de sonoridade que a Literatura registra. Segundo Clements (1989), a sonoridade é definida pela especificação dos traços *vocóide*, *aproximante* e *soante*, além dos traços de abertura, peculiares a vogais. Especificações que separam as duas classes de obstruinte ou as duas classes de líquida não são necessárias para o estudo dos fatos mencionados. Valemo-nos, pois, da escala abaixo a Clements atribuída.

(3) Escala de Sonoridade

Obstruinte	Nasal	Líquida	i u	e/E o/O	A	
-	-	-	-	+	+	aberto 1
-	-	-	+	+	+	aberto 2
-	-	+	+	+	+	vocóide
-	+	+	+	+	+	aproximante soante
6	5	4	3	2	1	Escala

Note-se que Aberto 3 não joga papel algum nesta escala de sonoridade, e que a vogal média aberta e fechada têm o mesmo grau em línguas em que, como o francês e o português, a distinção fonológica entre as duas se faz no nível de aberto 3 (cf. Clements, 1989).

O português é, como se vê em (4), um sistema de sete vogais:

(4) Sistema Vocálico

i/u	e/o	E/O	a
aberto 1	-	-	+
aberto 2	-	+	+
aberto 3	-	-	+

Este sistema sofre neutralizações, reduzindo-se a cinco vogais em posição pretônica /i,e,a,o,u/ e a três em posição átona final /i,u,a/. As sílabas átonas finais não acentuadas são, pois, mais fracas do que as pretônicas. Conseqüentemente ficam mais sensíveis a alterações em caso de junctura.

Partimos do pressuposto, seguindo Itô (1986), de que todas as unidades fonológicas devem pertencer a sílabas, sílabas devem pertencer a pés, pés a palavras fonológicas, palavras a frases e essas a unidade maior, tomemo-la por sentença ou enunciado. Note-se que a menor unidade da hierarquia prosódica é a sílaba. Se o segmento não for incorporado à sílaba será apagado pela regra universal de Apagamento do Elemento Extraviado (AEE). O princípio de Licenciamento Prosódico, em termos de Itô (1986:2) assim reza:

(5) Princípio do Licenciamento Prosódico (PLP)

Todas as unidades fonológicas devem ser prosodicamente licenciadas, isto é, pertencer à estrutura prosódica superior.

Por conseguinte, o segmento que à sílaba não estiver incorporado está fadado a desaparecer. Este princípio atua tanto no componente lexical como no pós-lexical. Naquele pode haver unidades licenciadas por Silabação ou por Extraprosodicidade. Neste, em que o Princípio da Extraprosodicidade e o da Preservação de Estrutura (que proíbe a criação de estruturas novas) não atuam, ficam os elementos não-licenciados condenados ao apagamento. Tem o Princípio do Licenciamento ainda a garantia da Condição Universal da Sílaba de Base, exposta em (6) em termos de Itô, que requer que a seqüência -CV- seja universalmente analisada como tautossilábica.

(6) Condição Universal da Sílaba de Base (Itô, 1986)

Se	CV
Então	$\frac{\quad}{\quad \vee \quad}$
	s

Este modelo pressupõe, como Condição de Boa Formação, um molde silábico a que são ajustados os segmentos ou conjuntos de traços de uma cadeia de fala. Assim, quando informamos que o português tem o molde CCVC(C) com filtros que permitem como segunda C prevocalica somente soantes não-nasais e qualquer soante, mas só soante na tradicionalmente conhecida posição de coda, assim como somente /S/ na posição parentetizada,² estamos definindo as possíveis seqüências silábicas da língua. A formalização desses filtros e de outros necessários fica fora de nossos objetivos, mas partimos do pressuposto de que eles existem e que junto aos princípios universais, são os responsáveis pela silabação da palavra, que se processa no componente lexical.

² Acreditamos que o padrão canônico do Português seja CCVC e que o C parentetizado, que guarda o lugar para /S/, seja derivado deste padrão por uma regra de adjunção.

Todavia pronta a palavra, com suas sílabas bem formadas, e incorporada a uma frase pela sintaxe, pode ela ser atingida por processos fonológicos que envolvem a perda de picos silábicos e a conseqüente ressilabação dos elementos que ficaram como flutuantes, isto é, fora da sílaba. Neste nível, denominado pós-lexical, os dois princípios já citados continuam a atuar: o do Licenciamento Prosódico e o da Sonoridade Sequencial. O primeiro exige que todo elemento seja silabado e o segundo dirige a ressilabação, relacionando grau de sonoridade à posição, ao mapear o segmento no molde prosódico.

Antes de prosseguir com esta análise, consideremos ainda o seguinte aspecto:

4 – SENSIBILIDADE MÉTRICA

O português, como muitas línguas, revela certas sensibilidades métricas: É sensível ao peso silábico, pois palavras acabadas em sílabas pesadas atraem o acento primário (*pomár, coronél*), em sua maioria. Por outro lado, é sensível, no nível da palavra, ao choque de acentos. Quando duas sílabas acentuadas se sucedem uma à outra, um dos acentos é transferido para uma posição disponível ou desaparece: *café, cafêzinho > câfezinho*. Também é sensível, e esse é o ponto central de nosso trabalho, ao choque de picos silábicos.

Quando uma palavra acaba em vogal, pico de sílaba, e a outra por vogal começa, também pico de sílaba, se elas não estiverem protegidas por acento ou pausa, ocorre o choque silábico que provoca o desaparecimento do primeiro pico e, conseqüentemente, da sílaba por ele projetada (α), que o domina. Entre dois elementos, independentemente de sua categoria, cai o prosodicamente mais fraco. Assim na combinação de uma sílaba átona final, a mais fraca de todas, com uma átona pretônica, é a primeira que, por sua condição de mais fraca, fica fadada a desaparecer. Isso parece ser um universal em regras de apagamento.³

Então o choque de picos silábicos, uma das sensibilidades do português, provoca o desaparecimento de uma sílaba, deixando certos segmentos sem identidade prosódica. Nestas circunstâncias, a ressilabação, motivada pelo Princípio do Licenciamento Prosódico, que exige que todo elemento lingüístico esteja ligado a uma estrutura mais alta, associa os elementos flutuantes à sílaba mais próxima, em conformidade com o Princípio de Sonoridade Sequencial.

³ Todavia o apagamento de S não se limita a essa condição, como vemos no trabalho elaborado sobre este tema para a Gramática do Português Falado.

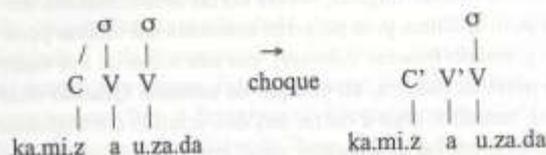
5 – OS PROCESSOS

5.1 – A Elisão

As palavras, ao entrarem na composição de uma frase, apresentam-se com suas sílabas bem formadas. Assim saíram do componente lexical para fazer parte do elenco de palavras do português. Ficam, todavia, sujeitas a regras ou processos que lidam com unidades maiores do que a palavra. Estão, por exemplo, sujeitas a uma grade rítmica, que organiza as sílabas em pés métricos de onde emergem acentos secundários. Podem formar novas sílabas, por vezes não reconhecidas lexicalmente. Ou perder sílabas e reassociar seus elementos como acontece nos fatos que vamos narrar.

O ponto de partida do sândi externo é, pois, um choque de picos silábicos, que apaga uma sílaba e deixa unidades flutuantes.

(7) Choque de picos silábicos



O choque provoca a desassociação de um pico silábico e o conseqüente desaparecimento da sílaba, que o domina, deixando flutuantes C' e V' com seus segmentos ligados. Vale notar que o que desaparece é a unidade abstrata mais profunda (σ), projetada pelo pico silábico, e que os elementos desassociados não são apagados mas ficam flutuantes até o fim da derivação, quando serão apagados se não tiverem sido incorporados a uma sílaba.

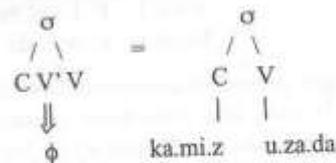
Como dizíamos, quando o choque ocorre, a ressilabação é chamada. O procedimento é o mesmo da primeira silabação: junta-se ao pico silábico pré-existente a consoante da esquerda, para formar a sílaba base (CV), em consonância com o Princípio de Sonoridade Sequencial. Acrescentam-se outras se houver. O resultado está em (8), considerando-se apenas a parte atingida pelo choque:

(8) Ressilabação



Neste ponto, V', com um segmento ligado, não está licenciado. Então o Princípio do Licenciamento Prosódico assegura a aplicação do Apagamento do Elemento Extraviado.

(9) Apagamento do Elemento Extraviado (Elisão propriamente dita)

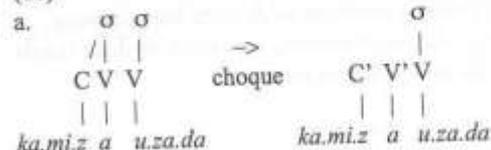


De acordo com a Teoria, elementos desassociados são apagados. Por conseguinte, a elisão é uma decorrência de um choque silábico que provocou o desaparecimento de uma sílaba, deixando elementos extraviados. A ressilabação, chamada pelo Princípio do Licenciamento Prosódico, anexa a consoante flutuante à sílaba remanescente, mas ignora a V extraviada, criando uma sílaba padrão, em conformidade com a Condição Universal da Sílaba Base. O apagamento da vogal extraviada dá por resultado o que conhecemos por elisão, que é, pois, uma conseqüência natural do processo de ressilabação, guiada por princípios universais da Teoria Fonológica.

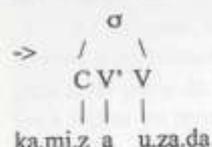
5.2 – A Ditongação

Levando em conta que o componente fonológico pós-lexical se caracteriza pela presença de variação, entende-se a existência de duas opções de saída para a frase em estudo: *camizusada* e *camizawusada*. As duas formas são construídas em frases trabalhadas pela fonologia pós-lexical, que não conhece exceções mas admite alternativas de escolha, variáveis propriamente ditas. Uma delas é referida como elisão e a outra como ditongação. Entre elas não existe uma relação de ordem, no sentido de prioridade de aplicação de uma sobre a outra. A primazia, quando muito, seria dirigida por condicionamentos extralingüísticos que podem fazer algumas diferenças dialetais. Observemos o processo de ressilabação que conduz à ditongação:

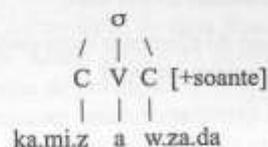
(10)



b. Ressilabação, PLP
e Formação do Ataque



c. Ressilabação, PLP
e PSS



Em (10a), o choque provoca o desaparecimento da primeira sílaba, deixando flutuantes C'V' com seus respectivos segmentos. Em (10b), a ressilabação opera, incorporando a consoante ao núcleo pré-estabelecido, quando se forma o padrão básico CV. E volta em (10c) para licenciar V'. (Note-se que essa volta não é obrigatória; (9) é a evidência). E porque V' carrega um segmento mais sonoro que o pico da sílaba em que vai ser anexada, o Princípio de Sonoridade Sequencial (PSS) desaloja *u* para a posição de C, que por ele pode ser ocupada por ser soante, reservando a posição de pico para *a*. Na nova posição, *u* converte-se automaticamente em glide (10c). O ditongo está formado. Como vemos, a ditongação é, tal qual a elisão, o resultado de um mecanismo de ressilabação apoiado em princípios universais.

5.3 – Degeminação

Se as duas vogais que se encontram são da mesma categoria, o choque nuclear que dá início ao processo de sândi apaga a primeira sílaba e a ressilabação junta as duas vogais na rima subsistente. Então as duas vogais passam a ter apenas uma representação no nível melódico, pois a seqüência de vogais idênticas é proibida pelo Princípio do Contorno Obrigatório.³

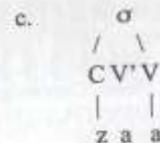
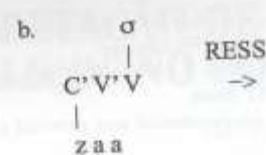
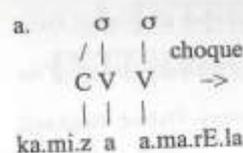
O Princípio do Contorno Obrigatório (PCO), referido na Literatura como OCP, "Obligatory Contour Principle", atribuído a Leben (1973), afirma que, quando dois tons idênticos estão associados a vogais adjacentes, o tom mais à direita é apagado. E o tom da esquerda é associado a vogais livres. Foi ele estendido à análise de segmentos por McCarthy (1986) como um filtro sobre estruturas auto-segmentalizadas:

(11) Princípio do Contorno Obrigatório

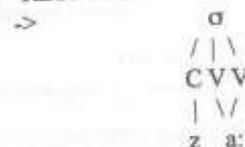
No nível melódico, segmentos idênticos adjacentes são proibidos.

A seguir atua uma regra de encurtamento, reduzindo as duas vogais a uma só pois o português não possui vogais longas.

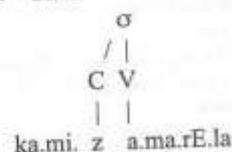
(12)



d. RESS/OCP



e. ENC



O choque que (12a) representa leva à ressilabação que produz, depois de formar o ataque (12c), uma sílaba com duas vogais iguais, sobre as quais atua o Princípio do Contorno Obrigatório (12d). Uma regra de encurtamento desassocia o nó mais à direita deixando aflorar uma sílaba leve (12e).⁴

Como vemos, a degeminação, da mesma forma que a elisão e a ditongação, é o resultado da ressilabação, em nível pós-lexical, que organiza novas sílabas sob o efeito de princípios universais.

EM SUMA, o sândi externo é provocado por choque de picos silábicos, uma das sensibilidades métricas do português, que, ao apagar uma sílaba, deixa unidades flutuantes, as quais, ao serem licenciadas prosodicamente ou ao deixarem de ser, produzem como resultado final a elisão, a ditongação ou a degeminação. A última é controlada pelo Princípio do Contorno Obrigatório que proíbe seqüência de segmentos idênticos e resume em um só nó raízes de traços idênticos. A ditongação é a ressilabação que fica atenta, como as demais, à Condição da Sílaba Base e, sob o controle do Princípio do Licenciamento Prosódico e da Sonoridade Sequencial, reassocia a vogal flutuante, colocando-a na posição nuclear, se for de maior sonoridade do que a sua vizinha, situação em que desaloja a vogal ligada para a posição de coda, criando-se o glide. A elisão, por fim, resulta de processo similar, com a diferença de deixar desassociada a vogal flutuante, que é apagada pela regra universal de Apagamento de Elemento Extraviado.

⁴ Em versões anteriores, tomamos como ponto inicial da degeminação, o OCP. Hoje acreditamos que a descrição ganha em simplicidade se o ponto de partida for o choque silábico, como nos dois outros processos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CLEMENTS, G. N. (1989). *A unified Set of Features for Consonants and Vowels*. Preliminary draft. Paris: Institut de Phonétique.
- CLEMENTS, G. N., KEYSER, S. J. (1983). *CV Phonology: A generative theory of the syllable*. Cambridge: MIT Press.
- GOLDSMITH, J. (1990). *Autosegmental and metrical phonology*. Oxford: Blackwell Publishers.
- HARRIS, J. W. (1983). *A Syllable Structure and Stress in Spanish. A nonlinear analysis*. Cambridge University: MIT Press.
- ITÔ, J. (1986). *Syllable Theory in Prosodic Phonology*. PHD Dissertation. University of Massachusetts.
- LEBEN, W. (1973). *Suprasegmental Phonology*. PHD dissertation, MIT.
- McCARTHY, J. (1986). OCP effects: Gemination and antigemination. *Linguistic Inquiry*. 17.207-63.
- SELKIRK, E. (1982). The Syllable. In: HULTS and SMITH (eds.): *The structure of phonological representation*. (Part II). Holland: Foris publications.
- STERIADE, D. (1982). *Greek prosodies and the nature of syllabification*. PHD dissertation, MIT.
- WETZELS, L. (1993) *Nasal Spans, Nasal Diphthongs and Syllable Structure in Brazilian Portuguese*. Workshop in Phonology. University of Coimbra.